

VICTOR HERINGER

Vida desinteressante

*Fragmentos de memórias: crônicas
da revista Pessoa (2014-2017)*

Organização e apresentação
Carlos Henrique Schroeder



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2021 by Valéria Doblas

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Mateus Valadares

Foto de capa

nayneungi/ Shutterstock

Foto da p. 59

Bolívar Torres

Preparação

Adriane Piscitelli

Revisão

Bonie Santos

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Heringer, Victor, 1988-2018

Vida desinteressante : Fragmentos de memórias : crônicas da revista *Pessoa* (2014-2017) / Victor Heringer ; organização e apresentação Carlos Henrique Schroeder. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

ISBN 978-65-5921-349-8

1. Crônicas brasileiras I. Schroeder, Carlos Henrique. II. Título.

21-70834

CDD-B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/0427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Apresentação: Um anticronista no país da crônica?, 9

2014

Este tempo, ainda sem nome, que começa agora, 21

Enchendo a cara com o Geraldo, 25

A de amor, F de falso, 27

Matilde, 30

Viver na literatura, 39

Ismar, 42

A crítica explicada aos médicos: uma introdução, 51

Sobre ir embora do Rio, 54

Os sapatos do meu pai, 60

Brasileiro, anti-irônico, 62

O fim do mundo foi meio sem graça, 65

Para uma arte no fim do mundo, 68

O paulistano não existe, 71

Os tristes, 74

O muro contra a morte, 76

Marília, 79
Eu sou uma igreja, Silas, 89
Sebos, 97
Mariano, 101
Ser português, 110
Dois livros para lembrar, 113
Vida desinteressante: uma retrospectiva, 116
Vida desinteressante: uma retrospectiva (Parte II), 121

2015

Fantasia de finlandesa, 129
Memórias do escritor Victor Heringer vestido de mulher, 131
Passeio estressadinho, 135
Ascensão e queda da coxinha de frango, 137
Para o Eduardo, 140
Travadinha, 142
A vida é maior, 144
Breve guia do Rio de Janeiro para o turista carioca, 146
Cidades, cidadinhas, cidadãos, 152
Adeus às coisas, 155
A mulher mais triste do mundo, 158
Os traidores da espécie, 160
Diário da seca, 162
Português, 166
A imagem inconsolável, 168
Tranquilo e calmo, 171
O que sei sobre flores, 173
Me diz, 176
Dois poemas de Mumbai, 178
Macumba pra indiano, 182
Abaixo 2015!, 185

2016

- O gambá e o homem, 189
Clique aqui para fotos de gatinhos, 192
História ambulante do Brasil, 194
Assando um bolo enquanto cai a República, 196
Lá pelas tantas no Hotel Toffolo, 198
Se eu tivesse um barco, 201
Os livros que carrego comigo, 203
Em louvor de poemas ruins, 206
A afirmação contra o chorume, 210
Tarde, 212
Aprendizado dos cães, 214
A sabedoria é simples, 216
Carta de crenças, 218
O erro na Lava Jato, 221
Quatro propostas para estátuas novas, 224
De Amicis e as febres da bicicleta, 226
Explicar aos mortos o mundo, 229
A jabuticaba no lado certo da História, 231

2017

- Declaração de independência, 237
A canga é um portento, 239
O muro, 241
Impressões do Peru, 243
Carta para Violeta, 247
América do Sul em chamas, 249
Leva meu corpo junto com meu samba, 252
Pequena antologia de comentários em portais de notícia, 254

Apresentação

Um anticronista no país da crônica?

1. Na verdade, eu gostaria de escrever a biografia do Victor Heringer, mas com aquele tipo de texto em que a vida e a obra dançam a valsa da verdade, ou daquilo que se parece com verdade mas é mais um elemento da ficção, como fez o Emmanuel Carrère com o Limonov e com o Philip K. Dick. Mas não tenho maturidade nem talento para isso. Ter sido editor do Victor por alguns anos e ter organizado suas crônicas já me bastaram. Um consolo.

2. Conheci o Victor em 2012, virtualmente, ao nos descobriremos nas redes sociais e trocarmos impressões sobre nossos textos na primeira edição da revista de artes *Lado 7*, publicada pela editora 7Letras. Escrever nos traz amarguras, alguns inimigos, mas também grandes descobertas: sobre você, sobre os outros e sobre o seu lugar no mundo e na alegria. Ele sabia disso: “... a gente nasce com um tempo curtíssimo para tentar compreender um universo que tem tempo de sobra”.

3. Continuamos conversando, esporadicamente, mas nossos destinos se cruzaram profissionalmente em 2014: no início de janeiro fui convidado pela Mirna Queiroz, fundadora e *publisher*

da principal revista lusófona brasileira, a revista *Pessoa*, para ser o editor-executivo da publicação e pensar na criação de novas seções e dar uma cara mais multimídia à revista. Dois dias depois de assumir a empreitada, convidei o Victor, que já estava há tempos no radar da Mirna, para ter uma coluna periódica, e numa troca de e-mails e de mensagens de Facebook formatamos sua coluna:

Gostei de “Milímetros”; tem a ver com a ideia geral dos textos e comigo. (rs) “A hora trêmula” também é bom. Vamos lá, acho que algo mais aberto seria legal: “Milímetros (ou A hora trêmula)”, crônicas de literatura, pensamento e outras artes contemporâneas. Dá, em poucas palavras, a noção de mistura de gêneros, mídias e reflexões. Que tal? me respondeu através de uma missiva digital.

4. No mesmo janeiro de 2014 embarcamos em outra aventura: fiz questão de que ele estivesse na ponta de lança do selo Formas Breves (projeto em parceria com o Tiago Ferro, da e-galáxia, da qual eu era o curador), que toda segunda-feira lançaria um novo conto em formato digital, por apenas R\$ 1,99. E assim foi: os três primeiros contos da coleção (que publicou dezenas de contos durante quase dois anos) foram de José Luiz Passos, André de Leones e Victor Heringer. “Lígia”, do Heringer, saiu em fevereiro de 2014 e foi um dos contos mais vendidos da coleção, e um dos mais bem avaliados. Afinal, que autor brasileiro nascido nos últimos quarenta anos reuniu tantos predicados em gêneros tão distintos (romance, poesia, conto, crônica e ensaio)? Versatilidade, teu nome é Victor. “Lígia” é um clássico contemporâneo que enche de orgulho essa minha vida capenga de editor errante.

5. E fevereiro também foi o mês de sua estreia na *Pessoa*: no dia 8 saiu sua “Milímetros”, com o texto “Este tempo, ainda sem nome, que começa agora”, evocando Werner Herzog (que acre-

ditava que a fala hiperveloz dos leiloeiros era “a verdadeira poesia do capitalismo”) para tratar dos desafios da linguagem artística.

6. Entre fevereiro de 2014 e maio de 2017 publicou setenta crônicas conosco, geralmente duas por mês, raramente três, e algumas vezes apenas uma. Estão todas aqui, na presente edição. Ele tinha, e sempre teve, toda a liberdade quanto aos temas, à extensão das crônicas, aos prazos... E assim pôde escrever tudo aquilo que realmente tinha vontade de publicar e no tempo que considerava adequado.

7. Sua última crônica publicada na revista é datada de 24 de maio de 2017: “Pequena antologia de comentários em portais de notícia” trata da ascensão da ignorância, ou melhor, da emersão da ignorância, conferida em qualquer caixa de comentários dos portais de notícias. É engraçada, carinhosa, mas lida hoje, na loucura dos anos 2020-2021, é exasperante. Victor faleceu menos de um ano depois dessa crônica, e escapou de assistir ao Brasil se transformar em um grupo de WhatsApp relinchante.

8. Mas entre a primeira e a última há um universo. Expansível e variável.

9. Há os dramas paulistas e cariocas, sua saída do Rio, sua chegada a São Paulo: “Sempre sofri cidades como se fossem doenças incuráveis”. Entrevistas com os poetas de sua geração, seus amigos, que são de uma sinceridade (de ambas as partes) dilacerante, e de forma alguma são parecidas com aquelas clássicas entrevistas jornalista-escritor/ escritor-escritor a que tanto estamos (sofrivelmente) acostumados.

10. E, claro, as crônicas de viagem: Índia, Peru, Bolívia, Ouro Preto... Sempre alinhadas sociológica ou literariamente, recheadas de afeto e espanto (uma das matérias-primas da poesia).

11. E também a veia do cronista clássico, como em “Os tristes”, “O gambá e o homem” e “A mulher mais triste do mundo”, mas picotadas pela lâmina da poesia — “descobri que narrador

bom mesmo tem que ser poeta, mesmo que não faça versos”. E a elegia das coisas ordinárias: a coxinha de frango, os sebos banguçados, os poemas ruins... Das extraordinárias: as eleições de 2014, a Copa, a crise hídrica em São Paulo...

12. E Manuel Bandeira e Machado de Assis aparecem, quando menos se espera, e umas pitadas de Drummond. Afinal,

Machado de Assis e Manuel Bandeira são meus dois pais. As obras me influenciam como autor, mas sobretudo ajudaram a forjar minha identidade, que aos poucos (esta é a esperança do ficcionista) vai se diluindo nos meus próprios livros, até que eu possa ser ninguém em paz. Machado me deu os olhos, Bandeira me deu o coração

afirma ele no seu manifesto-oficina “Sobre escrever, segundo métodos diversos” (*Caderno 4: Modos de escrever*, Enfermaria 6, Lisboa, nov. 2017).

13. E continua:

Dorival Caymmi me deu a utopia praieira. Georges Perec e Donald Barthelme me deram o senso de alegria formal. Valêncio Xavier, Wladimir Dias-Pino, os concretistas brasileiros, Letícia Parente, W. G. Sebald e Arthur Bispo do Rosário me ensinaram a ser um escritor promíscuo. Toda linguagem me interessa. A fotografia, o cinema, o desenho, a música, a performance, todas as práticas e códigos contaminam o trabalho. Lydia Davis, César Aira, Beatriz Sarlo, Kawabata, Octavio Paz, Cioran, Gombrowicz, Tabucchi, Marília Garcia, Eduardo Coutinho, Calvino, Paul Salopek, Gaudí, Violeta Parra, Murilo Mendes, Hilda Hilst, Nelson Cavaquinho, Travadinha, Leonardo Fróes, Francesca Woodman, Lucian Freud, Vivian Maier, Malevich, Benjamin, Nanni Moretti, Guignard, Chris Marker, Cartola,

Orson Welles, Kobayashi Kiyochika, Pedro Cornas, o Quinteto Armorial...

14. Well, estão aí, arriba, os mestres heringerianos.

15. E por incrível que pareça, em suas crônicas, não há uma citação sequer ao Enrique Vila-Matas, tema de sua dissertação de mestrado (“Enrique Vila-Matas: A ironia e a reinvenção da subjetividade”, 2014, 115 pp.) e somente uma ou duas ao Caetano Veloso, motor de “Caê e a fundação do após”, seu ensaio publicado no *Caderno de Leituras* n. 19 pela Chão da Feira. Mas fiquemos com a epígrafe deste último, que poderia ser muito bem a deste livro: “a loucura por excesso de doçura [...]. O desastre da doçura”, do Blanchot.

16. E pouquíssimo Benjamin-Deleuze-Derrida-Barthes nas crônicas, o que prova que ele escapou (quase) ileso da contaminação acadêmica.

17. A sua variedade temática carregava o prazer de saber que literatura e vida sempre se misturam, dançam, sem uma prevalecer sobre a outra, e a leveza de suas crônicas vinha de seu olhar poético, claro, mas sobretudo da sua ironia recheada de afeto.

18. E não se preocupe, se você é fã dos romances *Glória* e *O amor dos homens avulsos* e chegou aqui graças a eles, não vai se decepcionar, as sacadas luminosas também estão por aqui.

19. Grande parte das crônicas deste livro poderia muito bem ser “anticrônicas”, pois foge às principais caracterizações do gênero. Como ele mesmo sempre quis, na bagunça e na mistura de gêneros. E então vamos aos Parras.

20. O chileno Nicanor Parra (1914-2018) foi o ícone da “antipoesia”, espécie de movimento que prezava liberdade formal e ideológica, um instrumento para fazer acusações contra as deformações das ideologias e contestar cânones literários, sempre em uma linguagem prosaica, quase oral, uma poesia não

eloquente, próxima à língua cotidiana, mas irônica, sarcástica, subversiva e provocadora. Victor não era um grande admirador do Nicanor (e sim de sua irmã, a compositora, poeta, folclorista e atriz Violeta Parra, que dá o ar da graça em uma das suas crônicas), mas poderíamos emprestar alguns desses itens da “antipoesia” à metade de suas crônicas. Afinal, como ele escreve em sua primeira crônica,

não há vanguarda, não há líder nem messias em campo nenhum da experiência humana atual. É necessário, ainda outra vez, escutar a bruta e oca poesia sintomática dos leilões de gado para descobrir como não ser gado. Só assim seremos capazes de dar, enfim, um nome ao nosso tempo.

E as contestações proliferam... De crônica em crônica: políticas, artísticas, literárias. As alfinetadas aos cânones (sobra até para Rubem Braga e João Cabral) são recheadas de uma fina e terna ironia, um belisco carinhoso.

21. Há, também, outras variações sobre a crônica clássica, em especial formais e espaciais. A dos jornais tem um espaço muito definido, regido pelo número dos caracteres, e seus autores têm uma espécie de contrato com seus leitores, já que eles esperam exatamente sempre a mesma coisa: o humor, a crítica ou a beleza de seus autores. As crônicas dos portais, com suas chamadas e subtítulos caça-cliques, prontas para serem compartilhadas o maior número de vezes possível, também não encontram muitos paralelos na máquina-heringer. Grande parte dos textos aqui reproduzidos vai na contramão de tudo isso: não tem ilustração bonitinha nem subtítulo; mas sim trechos do inglês e do espanhol sem tradução, referências obscuras, longas entrevistas, tradução de poemas, listas, trechos de diários... Um contraste muito nítido daquilo que se espera da tradicional crônica

brasileira (uma anticrônica?, continua insistindo este apresentador, sem muita convicção).

22. Mas, para dificultar ainda mais esse meu raciocínio canhestro, umas aspas lá da sua primeira crônica: “As formas todas podem e devem dialogar entre si”. O próprio gênero, geral e pobremente catalogado em crônica lírica ou humorística ou crônica-ensaio ou filosófica ou jornalística também é subvertido por essas plagas, já que prevalece o pot-pourri estilístico em cada uma delas.

23. Teimosia: o livro bem poderia ter sido dividido dessa maneira, entre as crônicas e as anticrônicas (ó, céus, ele continua nessa), mas respeitar a ordem cronológica delas é entender o tempo em que elas foram escritas, e o próprio tempo do autor se entendendo com seu espaço.

24. Ou então, e aí seria algo realmente heringeriano, enquadrar todas como poemas de uma vez, pois em uma das crônicas ele escreve que “poesia é tudo aquilo que funda mundos no mundo”.

25. Momamã.

Meus agradecimentos a Mirna Queiroz, Marianna Teixeira Soares, Eduardo Heringer e Alice Sant’Anna, que contribuíram e possibilitaram a organização deste livro.

Carlos Henrique Schroeder